



## Tramas sensíveis, caminhos guiados: a viagem de Simone de Beauvoir ao Brasil (1960)

THAINÃ TEIXEIRA CARDINALLI\*

A imagem, ao mesmo tempo, me desafia e me cumula, dá e retira  
uma realidade, aquela que conheço conhecer. Faz esse frágil  
saber vacilar. Visão, caminho do conhecimento além do conhecimento,  
o olho é a janela pela qual compreendo as coisas.  
Trata-se da vigília da razão e do sono dos sentidos?  
Ou o contrário: o olho, obscuridade pela  
qual me vem a dúvida, vela pela alma adormecida?  
(Anne Cauquelin, *A invenção da paisagem*, 2007)

Anne Cauquelin, no livro *A invenção da paisagem* (2000), ao percorrer os sentidos e usos da noção de paisagem ao longo da história, questiona a forma pela qual visualizamos os espaços. Neste percurso, se propõe a entender como funciona a dinâmica entre o “par compreender-ver” e se indaga, dessa forma, se tudo aquilo que os indivíduos captam do meio foram proporcionados pelos dados imediatos da visão. Ora, se um indivíduo observou determinado local, logo o reproduziu, exatamente, como era. Tais relações construídas entre os atos de ver e compreender serão analisadas pela autora no decorrer do livro; associações que, ao seu ver, contribuem para a leitura das paisagens como sinônimo de natureza. A fim de desassociar a paisagem do objeto que ela representa, Cauquelin parte da premissa de que o nosso olhar nunca é ingênuo, dito de outro modo, os indivíduos somente veem com o auxílio das faculdades mentais e dos conhecimentos apreendidos (CAUQUELIN, 2007:85). Nas suas palavras, “só vemos o que já foi visto e o vemos como deve ser visto” (2007:96). Assim a paisagem seria uma construção mental carregada de “filtros simbólicos, antigas heranças” e referências culturais que nos orientam a enxergar o meio natural. Quanto mais estas “camadas conceituais” estejam entrelaçadas entre si, torna-se mais difícil de separar a paisagem do cenário retratado.

Os “filtros conceituais” que compõem as percepções das paisagens além de contarem com o auxílio da retórica, forte instrumento de convencimento, se constituem com o suporte da literatura e da pintura. Ao investigar de que maneira operam estes fundamentos na

---

\* Doutoranda em História pela Universidade de Campinas (Unicamp).

composição do olhar, Cauquelin me concede inúmeros caminhos para refletir sobre a forma pela qual visualizamos, mas também identificamos, reconhecemos, escrevemos, pintamos e fotografamos os espaços. O ato da compreensão, conforme recupero das suas assertivas, se relaciona intimamente com a bagagem cultural, conceitos, referências simbólicas e intencionalidades do autor assim como da sua obra; referenciais, aliás, que atuam tanto no instante em que se identifica-observa um local quanto no momento de reprodução dele, no ato de torná-lo inteligível ao público receptor. Reconstituir os processos mentais das construções textuais e visuais se configura como um dos desafios que proponho desenvolver ao longo da pesquisa de doutorado, particularmente, por meio do estudo das produções de quatro mulheres estrangeiras, Adèle Toussaint-Samson (1826-1911), escritora francesa, Marianne North (1830-1890), pintora inglesa, Simone de Beauvoir (1908-1986), escritora e filósofa francesa, e Alice Brill (1920-2013), fotógrafa alemã. São mulheres que estiveram no país em momentos distintos, duas no século XIX e duas no século XX. Nos seus diversos relatos (textual e/ou imagético), ao narrarem as situações vividas, os personagens encontrados e os lugares visitados, trazem formas específicas de retratar as paisagens brasileiras. Registros que ora se assemelham, ora se distanciam de acordo com a especificidade das obras e das intencionalidades de cada autora.

A fim de elucidar as preocupações desta pesquisa, apresento no presente artigo uma abordagem centrada na viagem de Simone de Beauvoir. A filósofa e escritora esteve no Brasil, entre agosto e outubro de 1960, na companhia de Jean-Paul Sartre, que tinha a intenção de divulgar a campanha revolucionária de Cuba e as atrocidades realizadas pelo exército francês na Argélia e, conseqüentemente, argumentava a favor da libertação desta colônia francesa. A motivação da viagem parte do convite feito ao escritor francês e à sua esposa para participarem do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, que ocorreria no Recife, nas primeiras semanas de agosto. Além de Sartre, foram convidados intelectuais e críticos literários, tais quais Américo de Castro, Damasco Alonso, Ernesto Guerra da Cal, Marcel Bataillon, Roger Caillois, Roger Bastide e Ilya Ehrenburg (MEIRA, 1960).

Requisitados para realizarem conferências em outras universidades brasileiras e, sobretudo, acompanhados por Jorge Amado e sua esposa, o casal francês estende sua estadia

no país para além dos dias do Congresso, e visita as seguintes cidades: Recife, Olinda, Salvador, Itabuna, Ilhéus, Feira de Santana, Cachoeira, Rio de Janeiro, Petrópolis, São Paulo, Santos, Araraquara, Belo Horizonte, Sabará, Congonhas, Ouro Preto, Brasília – e algumas cidades satélites –, Fortaleza, Belém e Manaus. O trajeto percorrido se estabeleceu, de um lado, pelos convites feitos à Sartre para que ministrasse palestras nos centros universitários das principais capitais do país e, do outro, foi sugerido por colegas e amigos de ambos os escritores franceses. Se o interesse de Simone de Beauvoir, conforme narra na sua autobiografia, em conhecer a Amazônia veio dos relatos de Jacques-Laurent Bost, escritor e jornalista francês, Alejo Carpentier, literato cubano, e Claude Lévi-Strauss, antropólogo francês (BEAUVOIR, 1995:490), a sua visita aos polos econômicos da Bahia – como Ilhéus, produtora de Cacau e cidade portuária, Itabuna, famosa pelas fazendas de Cacau, ou ainda Cachoeira, local de referência na produção de fumo –, se relaciona com os interesses de Jorge Amado em divulgar o seu estado natal.

São percursos sugeridos e/ou escolhidos, que nos indicam “formas de entradas”, ou melhor, “maneiras de olhar” para o Brasil e as suas regiões. Importante ressaltar que antes de embarcar ao país, Simone e Sartre jantaram na residência de Cicero Dias, em Paris, na companhia de intelectuais e artistas importantes no cenário nacional, como o pintor Di Cavalcanti e o escritor Gilberto Freire. Beauvoir relata este evento nas suas memórias, contando que ganhou do autor de *Casa Grande & Senzala* (1933) um livro ilustrado sobre Ouro Preto e que ambos conversaram muito sobre Brasília; elogiava-se as construções de Niemeyer e o plano de Lúcio Costa, em contrapartida, lamentava-se o dinheiro gasto numa cidade “onde ninguém desejaria viver” (BEAUVOIR, 1995: 446).

Neste “primeiro encontro” com o Brasil, Simone recebe sugestões de lugares e atividades típicas que deveria conhecer. Conselhos e orientações que se confluem com as preocupações políticas do casal francês, uma vez que a permanência no país aconteceu após uma curta estadia em Cuba. Em companhia dos líderes cubanos, Guevara, Castro e Jimenez, puderam observar os avanços da revolução, bem como as transformações sociais e econômicas em curso na pequena ilha. Nas palavras da escritora francesa, “[a] visita a Havana nos dera novas razões para ir ao Brasil. O futuro da ilha jogava-se em grande parte na América Latina, onde se delineavam correntes cartistas: Sartre propunha-se a falar de Cuba

aos brasileiros”, e completar ainda, “Para conhecer o Terceiro Mundo, era-nos necessário conhecer um país subdesenvolvido, semicolonizado, onde as forças revolucionárias estavam ainda, talvez por longo tempo, acorrentadas” (BEAUVOIR, 1995: 446). A visita ao Brasil proporcionaria à Sartre e Beauvoir a oportunidade de estudarem os processos socioeconômicos das nações, ao seu ver, “subdesenvolvidas” e investigarem as diferenças culturais que existiriam entre os países europeus e as antigas colônias.

As leituras e os posicionamentos políticos do casal os acompanham na viagem ao Brasil, seja no entendimento dos fatos observados, seja nas análises tecidas durante suas palestras. Numa de suas primeiras conferências, Sartre, por exemplo, investigou a função social dos escritores vindos de nações subdesenvolvidas: deveriam ser nacionalistas, ou seja, produzir romances para o seu povo, de modo a conscientizá-lo sobre os seus problemas e, conseqüentemente, conduzi-lo a um estado revolucionário. Função, aliás, cumprida exemplarmente, segundo o filósofo francês, por Jorge Amado no livro *Gabriela, cravo e canela* (1958)<sup>1</sup>. Lembro ainda que a relação entre os dois escritores se constrói desde o exílio do literato baiano na Europa, no final da década de 1940 até 1952, quando conheceu Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. A amizade intelectual deles proporcionou a Amado a chance de publicar o seu livro *Cacau* (1933), em 1950, na revista *Le Temps Modernes* dirigida e coordenada por ambos os autores francês. Onze anos depois, Amado divulga, novamente, neste periódico outra obra de sua autoria, *Quincas Berro d'Água* (1959) (AMADO, 1992: 209).

Sartre e Beauvoir adentram ao país, portanto, imersos nas suas preocupações políticas assim como orientados pelos intelectuais brasileiros; referências que acompanharão as descrições da autora dos lugares visitados. Suas expedições pelo Brasil estão detalhadas na sua autobiografia publicada três anos após a viagem. Nela, Simone narra o período de sua vida que vai desde o fim da Segunda Guerra Mundial até 1963, onde intercala suas

---

<sup>1</sup> As análises de Sartre sobre o papel do escritor brasileiro tiveram grande repercussão na imprensa brasileira. Para acompanhar este debate, sugiro a leitura das seguintes reportagens: Meira, Mauritônio. Sartre, com exclusividade: ‘escritor brasileiro deve ser sempre nacionalista’. **Jornal do Brasil**. Seção “Vida Literária Rio de Janeiro, 16 ago. 1960. p. 6; Sartre: “Juventude substituiu na França as esquerdas decadentes. **Última Hora**. São Paulo, 25 ago. 1960, p. 5; Sartre leva uma multidão à Filosofia e faz defesa de uma literatura popular. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 ago. 1960, p. 8; e, por fim, Naville, Pierre. Sartre e o papel do intelectual. Trad. Luciano Martins. **Jornal do Brasil**. Suplemento Dominical. Rio de Janeiro, 24 set. 1960, p. 4.

experiências afetivas à engajamentos políticos, conflitos profissionais e viagens realizadas aos Estados Unidos, à China e, por fim, ao Brasil. Conforme atenta logo no prefácio, o livro não pretende retratar todos os anos de forma minimalista ou, ainda, reconta-los apressadamente. O que lhe importa com estas páginas é se auto-investigar; evidenciar seus gostos, questionamentos, opiniões e perspectivas diante de cada acontecimento presenciado. Assim, os anos retratados correspondem ao seu testemunho e poderiam, como aponta, serem contados de outro modo, caso fosse um comunista, um gaullista, um operário, um camponês, um coronel ou um músico (BEAUVOIR, 1995: 6-7).

Sua recomendação inicial nos revela outro “filtro conceitual” que opera nas descrições do Brasil: o seu lugar de autora, mulher, escritora e filósofa. Seus relatos captam as experiências vividas, mas, sobretudo, deixam escapar conceitos, leituras e posicionamentos políticos trazidos pela autora e que lhe permitem entender, visualizar e reproduzir as cenas observadas. Há passagens em que ora Simone revela detalhes e enquadramentos que, sem dúvida, lhe foram dados por leituras prévias ou orientados pelos intelectuais do seu convívio, ora não consegue tecer comentários dos lugares visitados, evidenciando sua ausência de referenciais teóricos, imagéticos ou textuais que lhe possibilitem identifica-los.

No decorrer do seu relato, é possível diferenciar as cidades em que a filósofa francesa visitou em companhia de interlocutores locais, daquelas onde o curto tempo de permanência ou a falta de guias provocaram narrativas breves e/ou com pouco entusiasmo. Dentre os lugares descobertos no Brasil, destaco a cidade Salvador que foi descrita minuciosamente pela autora. Depois de alguns dias em Recife, Simone e Sartre partem para a Bahia na companhia do casal Amado, das irmãs Lúcia e Cristina, e do etnólogo Vivaldo da Costa Lima. Durante uma semana na capital baiana, o casal francês conheceu a gastronomia local, os mercados, as ruas e igrejas principais, as atividades culturais como as rodas de capoeira, e os cultos de candomblé; religião praticada por Jorge Amado e tema de estudo de Vivaldo. Das diversas atividades realizadas e noticiadas diariamente pela imprensa brasileira, Simone se atenta, na sua autobiografia, para a organização dos mercados populares. Eram compostos “por estreitos corredores [onde] vendem-se comidas grosseiras, salgados, couros, tecidos, roupas de baixo, latarias” e também, objetos de arte popular, colares, brincos, cerâmicas e jarras (BEAUVOIR,

1995, 450). Enquanto as cores, tipos e diversidades de produtos e comidas lhe encantava, a higiene dos pequenos comércios e a aparência dos vendedores ambulantes lhe espantava.

No seu relato da cidade baiana, ainda confidencia lembranças das ladeiras percorridas de carro, dos “bairros de invasão” apresentados por Amado, da população pobre e, principalmente, das cerimônias de candomblé. Descreve desde a localização dos terreiros situados nos bairros pobres dos arredores de Salvador, os intelectuais que frequentavam as seitas, as comidas servidas, o ato de iniciação das meninas, a decoração do ambiente até o transe mediúnico. Simone relaciona este processo místico com a questão cultural e social dos negros na sociedade brasileira. O ritual mediúnico, ao seu ver, seria uma forma dos negros escaparem, por alguns momentos, da pobreza e da violência sofrida cotidianamente. Negros, portanto, que foram “obrigados a se dobrarem ao mundo ocidental, (...) outrora escravos, hoje explorados, sofrem uma opressão que chega a lhes tirar a posse de si mesmos” e para garantirem a sua sobrevivência, “cultivam as técnicas que os ajudam a se arrancar, através do êxtase, da personagem mentirosa na qual foram aprisionados” (1995: 454).

Ao lado de relatos preocupados em apresentar dados geográficos, econômicos ou históricos, a filósofa acrescenta seus posicionamentos políticos aos fatos observados. São impressões pessoais que entrelaçam-se à leituras críticas acerca dos problemas sociais encontrados na sociedade brasileira. Nos fragmentos em que relata sua visita às cidades de Itabuna, Ilhéus, Feira de Santana e Cachoeira, Simone não descreve somente as pessoas ou lugares descobertos, revela as péssimas condições de trabalho imposta aos homens do campo, e comenta também sobre a situação miserável em que se encontrava as mulheres responsáveis por amassar o fumo na cidade de Cachoeira. Recorda que o galpão no qual trabalhavam além de mal iluminado e com pouca ventilação, lhe parecia “um inferno onde as mulheres eram condenadas a pisotear seus excrementos” (1995: 458). Sartre e, por conseguinte, Simone de Beauvoir, interlocutora do seu companheiro nas conferências ministradas nas universidades brasileiras, se interessavam pelas atividades e pelo modo de vida dos trabalhadores urbanos e do campo. A coluna de Mauritônio Meire, repórter do *Jornal do Brasil*, acompanha a viagem do casal francês, noticiando, principalmente, as impressões e os interesses de Sartre, tais quais a curiosidade pelo movimento camponês no Brasil e o espanto com a desigualdade social

entre a mão de obra precária e pobre do campo e o avanço industrial das áreas urbanas que traziam melhores condições de vida aos operários.<sup>2</sup>

Os problemas sociais encontrados na sociedade brasileira preocupavam tanto o escritor francês sendo, por vezes, temas das suas conferências literárias e políticas quanto Simone de Beauvoir nas suas observações pessoais. O olhar da filósofa se direciona para cenas do cotidiano que lhe permitem refletir e, sobretudo, montar um panorama social, cultural e político do Brasil e da sua população. Importante ressaltar a presença de Jorge Amado e de sua esposa na composição desses cenários imagéticos. Se o literato baiano diretamente contribuiu com alguns dos registros de Simone de Beauvoir, ao organizar grande parte dos trajetos percorridos pelo país, indiretamente com suas obras ficcionais, lidas pela autora, criou e reproduziu imagens que dialogavam com os “filtros conceituais” vindos com ela. Na sua autobiografia, Simone confidencia que a leitura das obras de Amado, como *Cacau, Terras do sem fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Gabriela, cravo e canela*, lhe auxiliou na composição da sociedade baiana retratada por entre disputas sociais de escravocatas e “coronéis”, e negros de origem humilde (1995: 456).<sup>3</sup>

O enfoque social presente nos relatos das cidades baianas aparece igualmente em outros fragmentos da obra autobiográfica. Nas descrições do Rio de Janeiro, de São Paulo ou das cidades do interior de Minas Gerais, Simone enfatiza referências histórica-geográficas destes lugares bem como tece breves explicações para os fatos observados. Estrutura narrativa que se apresenta ainda nos relatos da viagem à Brasília. O trajeto até a recente capital do país foi realizado, conforme recorda, em carro oferecido por Oscar Niemeyer, e na companhia, novamente, de Zélia e Jorge Amado. Após uma cansativa e “monótona” viagem, as primeiras impressões da cidade registradas no livro não são da arquitetura ou dos encontros com os membros do governo, como a reunião que tiveram com o presidente Juscelino Kubistchek. Ao

---

<sup>2</sup> Destaco as seguintes notícias de Meira sobre os interesses de Sartre no Brasil: *Sartre em São Paulo: “O Brasil é a maior democracia do Ocidente”* (04/09/1960) e *Sartre interessado nas Ligas Camponesas* (16/09/1960).

<sup>3</sup> Jorge Amado, ao longo de sua vida, atuou junto à movimentos políticos ligados à esquerda. Situação que motivou grande parte das suas prisões, por exemplo, durante o regime ditatorial Estado Novo, e os exílios políticos. Seus engajamentos também se refletem nos seus romances que compõem de forma crítica um panorama da desigualdade e da exploração social e racial existente no território baiano (SALEMA, 1982:36-38).

invés disso, Simone discorre sobre a ausência de vida de Brasília e sua aparência ilusória. Nas suas palavras, “Uma maquete em tamanho natural”, e continua

*Lamentei ficar sabendo que concordava com Lacerda: “Uma exposição de arquitetura em tamanho natural”. É essa falta de humanidade que logo salta aos olhos. A avenida principal, de 160 metros de largura e cerca de 30 quilômetros de extensão, faz uma curva tão suave que parece retilínea; todas as outras artérias lhe são paralelas, ou a cortam em ângulo reto, e cruzamentos ou trevos evitam qualquer perigo de colisão. Só se pode circular de carro. E, aliás, que interesse haveria em circular pelas quadras e superquadras de seis a oito andares, construídas sobre pilotis, e cujas variações superficiais não atenuam a sua elegante monotonia? (BEAUVOIR, 1995:481).*

A uniformidade da cidade contrastava com a desigualdade social. Problema observado nos blocos habitacionais que se propunham ser moradias igualitárias para os habitantes, no entanto, evidenciavam, ainda mais, as diferenças de classe. Simone se atenta, do mesmo modo, para as situações constrangedoras entre famílias de origem abastada e funcionários públicos vindos de classes populares, que não se relacionavam nos espaços de convivência das habitações planejadas. Os edifícios construídos por Niemeyer e apreciados pela autora, como o Palácio do Governo, o Supremo Tribunal, o Congresso Nacional e a Catedral, pouco contribuíram para atenuar as diferenças sociais encontradas pelo perímetro urbano. O descompasso social se estendia também para os moradores do plano e os que habitavam as cidades satélites. Periferias ao redor de Brasília que concentravam, na maioria dos casos, os trabalhadores da construção civil responsáveis pela edificação da cidade.

Simone de Beauvoir e seus interlocutores atribuíram à recente capital do país inaugurada alguns meses antes da sua visita, a imagem de uma cidade repleta de contradições. Percepções, aliás, que são reforçadas na conclusão do relato desta viagem. Na sua visão:

*guardo a impressão de ter visto nascer um monstro cujo coração e cujos pulmões funcionam artificialmente graças a processos de custo mirabolantes. Em todo caso, se Brasília sobreviver, a especulação vai apoderar-se dela. Os terrenos que beiram o lago e que devia, na concepção de Lúcio Costa, permanecer propriedade pública, já começaram a ser entregues pela municipalidade a compradores particulares. Está aí mais uma das contradições brasileiras: a cidade número um desse país capitalista foi planejada por arquitetos ligados ao socialismo. Eles fizeram belas*

*obras e construíram um grande sonho, mas não podiam ganhar* (BEAUVOIR, 1995: 484).

Seu relato de Brasília, ao contrário do da capital baiana, oferece poucos detalhes da vida cotidiana e dos hábitos diários, uma vez que Beauvoir não identifica, ou melhor, não é orientada pelos seus correspondentes a visualizá-los. Saltam aos seus olhos, as construções grandiosas de Niemeyer e os contrastes sociais de uma cidade que tinha a pretensão de ser igualitária. Visões fugazes elaboradas a partir de uma visita de poucos dias, mas que guardam fortes apelos imagéticos e metáforas como “maquete”, “elegante monotonia”, “monstro”, “falta de humanidade” e “sonho”. Recursos literários que lhe auxiliam a compor a narrativa e, sobretudo, a reproduzir a sua experiência aos leitores europeus. São relatos que elucidam seus esforços em traduzir as percepções imediatas da visão e neste processo, apresentam a interseção delas com as leituras filosóficas, os engajamentos políticos e os conflitos pessoais da autora. Suas descrições de Salvador, Brasília e ainda de outros lugares visitados pelo Brasil, conforme pretendi mostrar, estão mediados por “filtros conceituais”, experiências e estudos científicos, bem como pelas impressões dos seus correspondentes no país. Entrelaçamento de saberes e conhecimentos que criam novas possibilidades visuais sobre o país e a sua população, e oferecem pontos de encontro e desencontro entre as narrativas da filósofa francesa com as das outras mulheres estudadas na pesquisa doutorado.

### **Referência bibliográfica**

AMADO, Jorge. **Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

BEAUVOIR, Simone de. **A força das coisas**. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da Paisagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007

MEIRA, Mauritônio. Além de Sartre, Recife receberá escritores de “Europa, França e Bahia. **Jornal do Brasil**. Seção “Vida Literária”. Rio de Janeiro, 18 fev. 1960. p. 6.

ROMANO, Luís A. C. **A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960**. Tese defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL – Unicamp), Campinas-SP, 2000

SALEMA, Álvaro. **Jorge Amado: o homem e a obra presença em Portugal**. Fotografias por Zélia Gattai. Editor: Francisco Lyon de Castro. Mira-Sintra - Mem Martins: Europa-América, 1982.

